



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: o evanescer de fronteiras rumo à autonomia do aprendiz

Dilma T. Luciano

(UFPE)

Resumo

Este artigo refere-se a uma das quatro palestras integrantes da sessão coordenada em torno do tema “Aprendizagem aberta e invertida: rompendo paradigmas”, apresentadas no 6º Simpósio de Hipertexto, 2015. O princípio ordenador deste trabalho objetivou refletir sobre o “ensinar” e o “aprender” mediado pelos recursos telemáticos e os desafios enfrentados pela prática docente envolvida em um cenário em que se imbricam linguagens/tecnologia/aprendizagem. No presente trabalho, as noções de “bidirecionalidade”, “colaboração”, “cooperação” e “feedback” são pressupostos à educação de qualidade mediada por tecnologia comunicacional, com base no que se propõe uma reflexão sobre as dimensões política e individual da *autonomia* em educação a distância. Propõe-se, aqui, que a autonomia seja concebida como resultado do desenvolvimento de competências claramente definidas, em todos os componentes curriculares dos cursos propostos online, registrando um necessário rompimento de fronteiras territoriais e geográficas, mas especialmente metodológicas, porque consubstancia a “abertura” à aprendizagem transformativa na perspectiva construtivista da apropriação de conhecimento *pelo* aprendiz, na trilha da “inversão” de papéis rumo à interoperabilidade necessária à consolidação da autonomia *do* aprendiz. O uso dos artefatos tecnológicos comunicacionais são, aqui, propostos na perspectiva de que representam importante papel na mediação docente/conteúdos educacionais/discentes. Logo, devem auxiliar o usuário na construção de relacionamentos significativos com os conteúdos dispostos à aprendizagem. Postula-se, assim, que a perspectiva da *inversão* representa um percurso metodológico possível e eficaz ao definitivo e necessário rompimento com o instrucionismo em educação.

Palavras-chave: autonomia; aprendizagem aberta; aprendizagem invertida; educação a distância

Abstract

This article refers to one of the four conferences presented in a coordinated session on the theme "open and inverted learning: breaking paradigms", presented at the 6th Symposium on Hypertext, 2015. This study aimed to reflect on the "teaching" and "learning" actions mediated by telematic resources and the challenges facing the teaching practice involved in a scenario in which intertwine languages / technology / learning. In this study,



the notions of "bidirectionality", "collaboration", "cooperation" and "feedback" are presupposed to quality education mediated communication technology, based on what it proposes a reflection on the political and individual dimensions of autonomy in distance learning. It proposes that autonomy is conceived as a result of the development of clearly defined competences in all curriculum components of the online courses offered, what demands a necessary disruption of territorial, geographical, and specially methodological boundaries. Then, it substantiates the "opening" to *transformative learning* in the constructivist perspective, where the assumption of *flipped classroom* understand interoperability as a factor to consolidate the autonomy of the learner. The use of communication technology devices are here proposed with a view to representing important role in teaching mediation / educational / students contents. Therefore, should assist the user in building meaningful relationships with content arranged to learning. Finally, flipped classroom is conceived as a methodological and effective approach to distance learning.

Keywords: autonomy; open learning and flipped classroom; distance learning.

O cenário

A segunda década do século XXI tem se destacado especialmente como um tempo de tensões em todos os setores sociais, em um cenário em que se imbricam linguagens/tecnologias comunicacionais/comunidades, marcadamente realçado como "terra sem fronteiras" diante de uma ecologia das culturas em constante reorganização provocada pela ciberesfera. Melhor dizer ser um tempo de reconfiguração do sentido de fronteiras, historicamente marcado pela ruptura produzida com a experiência da "desterritorialização" (cf. LEVY, 1996; 1999).

Para a educação formal, já não se pode falar em absolutos, pois vários são os movimentos de ruptura necessários à "apropriação do conhecimento", disposto e proposto em comunidades virtuais, essas, sim, declaradas à aprendizagem de modo específico, no âmbito da educação a distância (EaD).

Para o Ensino Superior, a EaD no ciberespaço, por um lado oferece oportunidades não mais limitadas às fronteiras regionais ou mesmo nacionais, mas, por outro, gera um espaço de constante tensão frente ao conflito entre os paradigmas



de informatividade e da comunicabilidade (cf. LUCIANO, 2010), fruto do necessário movimento de mudança de cultura de aprendizagem em sociedades conectadas em rede. Nas palavras de Sara Guri-Rosenblit (2015, p.121):

“Para muitas instituições de ensino superior, o potencial da globalização oferece novas e estimulantes oportunidades, não mais limitadas às fronteiras nacionais, mas para outros, ainda parece um fenômeno ameaçador, que as obriga a mudar drasticamente suas políticas e procurar formas inovadoras de se engajar em um mundo totalmente novo, cujas regras quebram paradigmas antigos e bem conhecidos”.

Permanecer no paradigma da informatividade ao se propor EaD online é limitar a dimensão comunicativa da produção de conteúdos educacionais, retardando o necessário movimento de imersão no universo de práticas sociodiscursivas a par do movimento da transdisciplinaridade peculiar ao ainda século atual, exigindo abertura a temas ainda considerados transversais em educação.

Para a EaD no ciberespaço, o paradigma da comunicabilidade próprio do século XXI, enquanto novo paradigma de relação social intersubjetiva que representa, exige a compreensão de tensões em sua estrutura de organização em ambas as ordens de observação, tanto externa, na dimensão política e econômica de oferta de cursos online; quanto interna, para o ser que ensina/aprende.

1. Dimensão política da autonomia educacional: a cultura em foco

Ao se falar em dimensão política na oferta de EaD em uma nação, é necessário reconhecer que por representar um conjunto de estratégias destinadas à implementação de propostas de modelo educacional vinculadas a decisões e incentivos destinados a alterar uma realidade, em resposta a demandas específicas,



não há como não se flagrar a influência da cultura dominante/vigente sobre os percursos a percorrer.

Em se tratando de EaD online, o mundo globalizado vem testemunhando/vivenciando experiências no sentido de mudança de papéis dos atores responsáveis pela educação, especialmente quando observados numa perspectiva micro analítica, entendida como relativa ao processo de aprendizagem *stricto sensu*. Nesse sentido, os fenômenos de “aprendizagem aberta” e “aprendizagem invertida” representam um desafio às novas determinações/definições de fronteiras na educação do ponto de vista da legitimação do fenômeno metodológico pelas instâncias públicas.

Promover “educação aberta” não é mais uma questão pontual, ainda de extrema relevância e urgência, relativa à universalização do atendimento escolar com conseqüente formação para o trabalho, no lastro da educação de qualidade, mas um empreendimento que requer ações com força de lei, que permitam à nação compreender e se apropriar da prática de aprendizagem “sem fronteiras”, e não apenas territoriais, vale salientar.

Já a perspectiva da “inversão” para as políticas públicas de educação no Brasil representa um dos maiores desafios institucionais em todos os níveis, porque carece de uma visão sistêmica dos planos de desenvolvimento do ensino de maneira articulada e com capilaridade, o que exige “fôlego” adicional para a formação docente. Nesse âmbito, a compreensão clara e objetiva dos desdobramentos metodológicos gerados pela incursão nesse modelo de aprendizagem deve partir da premissa de existência de uma agenda de pesquisa acerca dos resultados já obtidos com EaD no país, porém como atividade orgânica e dinâmica, garantindo um ensino de qualidade.

A autonomia do aprendiz, meta a ser alcançada como resultado da oferta de EaD de qualidade depende, assim, de um movimento nacional que vai contra a cultura ainda dominante do instrucionismo, o qual infelizmente ainda é possível verificar, como uma armadilha em EaD visível nos planos de curso em cujas metodologias



defendem modelos de educação a distância em desfavor de modelos para efetiva educação que se dá a distância.

Porém, o exercício docente em um modelo não instrucionista de EaD requer a profunda compreensão de quais competências são necessárias à transposição didática dos conteúdos oferecidos à aprendizagem, alçando o paradigma da comunicabilidade e a noção de autonomia à condição contextual de efetiva experiência exitosa em EaD.

“No novo paradigma de aprendizagem como único caminho possível da educação online de qualidade existir, é novo também o paradigma da comunicação facultada com a interação virtual, que põe os docentes, enquanto responsáveis pela formação de professores da língua portuguesa, diante da exigência de incursão no ciberespaço não apenas como cidadão do mundo, mas como mediador do desenvolvimento da competência comunicativa do cidadão do século XXI, ou mais especificamente (...)

No paradigma da comunicabilidade, o sentido de autonomia assume dimensões próprias cujas bases repousam sobre a consciência do papel das percepções que têm efeitos na configuração de qualquer evento sociocomunicativo, seja ele virtual ou não. Seja ele uma aula presencial em interação face a face, ou uma interação online em um fórum de EaD.”¹

2. Dimensão individual da autonomia educacional

Garantir experiências educacionais de qualidade é um imperativo no século XXI. Já não há mais espaço aos discursos salvacionistas que se apoiam no “encantamento” promovido pelo impacto dos artefatos tecnológicos (tecnófilos), na corrente do desenvolvimento da telemática, que permite experienciar o paradigma da

¹ Retirado do texto intitulado “Interatividade em ead online e aprendizagem transformativa: a busca de autonomia do aprendiz”, apresentado e publicado nos ANAIS do II SINIEL (2012)



comunicabilidade com intenso vigor, dando forma e sentido social econômico e político à noção de “globalização”.

Nesse momento da história universal, falar em experiências educacionais de qualidade significa finalmente conceber educação como processo por que passam inúmeras forças de confluência, em escala global. Para muitos estudiosos *“uma força mais poderosa do que a industrialização, a urbanização e a secularização combinadas”*(cf. DOUGLAS; KING; FELLER, 2009, p.07).

Garantir experiências educacionais de qualidade em EaD decorre do investimento em uma cultura de cooperação/colaboração alicerçado por parâmetros de interatividade mediada por tecnologia comunicacional a distância, com vistas a superar o silêncio típico do aluno na cultura clássica da aprendizagem presencial. Para Saint-Onge (1999), ao refletir sobre questões de aprendizagem na sala de aula presencial, o silenciar-se do aluno corresponde ao “não entender”, envolvendo, pois, aspectos decorrentes da atuação do professor como um mediador do processamento cognitivo do aluno. Na situação de aprendizagem online, este aspecto torna-se ainda mais relevante e desafiador, destacando a necessidade de desenvolvimento de competências novas necessárias ao ensinar-aprender a distância, justo por se estar vivenciando um processo educacional em um espaço – o virtual - onde os mecanismos de participação desafiam os interactantes à apropriação dessa nova forma de sociabilidade provocativa de também novas práticas sociodiscursivas e culturais.

O sentido de cooperação e de colaboração são os imperativos à autonomia do aprendiz nessa nova cultura para os discentes, na qual a compreensão de que o aprender passa por um processo de interação mediada por artefatos tecnológicos requer a consciência de duas novas dimensões conceituais da prática docente, quais sejam, a experiência com a “bidirecionalidade” constitutiva de aprendizagem invertida e o redimensionamento da noção de “feedback”; esta última relativa a reconfigurações de papéis na educação.



Na oferta de EaD voltada para a autonomia na aprendizagem, imperativo à qualidade em educação postulado pelo mestre educador Paulo Freire, e apoiada em ambientes virtuais de aprendizagem, a virtualização das ações pedagógicas demanda um letramento digital adequado à organização e sequenciação dos conteúdos educacionais que favoreçam o sentido de presença docente, em uma nova dimensão interacional. “A presença, então, é uma experiência que vai além da corporalidade porque se situa na criação do aprendiz. A exposição de conteúdos feita pelo professor tem caráter auxiliar.” (LUCIANO, 2012).

Contudo, não são desprezadas as metas a serem atingidas porque relativas ao desenvolvimento de competências claramente definidas em todos os componentes curriculares, permitindo experiências educacionais de qualidade devem efetivamente promover e garantir a racionalidade crítica, abolindo definitivamente a tendência aos discursos repetidos de outros, sem que haja a construção de posicionamentos lúcidos e eficazes à atuação cidadã, dentro da realidade social circundante. Educação de qualidade envolve, sim, “autoria”, e não apenas vozes ecoando outras vozes, de autores deslocados da/na história.

3. Ferramentas cognitivas para a autonomia do aprendiz

Até aqui falou-se sucintamente das vantagens das tecnologias comunicacionais no movimento de ruptura de fronteiras existentes no processo de aprendizagem (territoriais/geográficas), da corrente da necessidade de presença aos espaços/centros de produção de conhecimento; sociais; políticos.

A implementação de EaD em escala global é sem dúvida representativa de uma revolução metodológica, porque consubstancia a “abertura” à aprendizagem transformativa ao mesmo tempo em que expõe os sujeitos a experiências intersubjetivas em um novo quadro de referências, justamente onde está o exercício



profícuo da perspectiva da “inversão”, permitindo efetiva interoperabilidade necessária à consolidação da autonomia do aprendiz. É urgente, para tanto, insistir na ampla e necessária revisão da literatura em EaD online para o conceito de mediação na interface com a perspectiva construtivista de ensino-aprendizagem.

Lopes (2010), especialmente motivado pela ideia de que “estudar a mediação do professor não significa a adoção de um modelo de ensino ou de uma teoria de aprendizagem “ (LOPES et al, 2010, p.05), alinha-se a pesquisadores da educação que concordam em que ela, a mediação do professor, “não se confina ao que se passa na sala de aula: tem componentes de planejamento e de seguimento (follow up) que consideramos insuficientemente consideradas na prática profissional e na investigação” (idem, p. 05). Logo, observa a estreita relação entre o resultado da aprendizagem e a natureza das atividades propostas aos alunos após a apresentação/introdução dos conteúdos novos, bem como à natureza do feedback – seguimento – a cada atividade proposta. Nesse ponto, a noção de mediação está alinhada à noção de assistência aos alunos que estão interagindo com os conteúdos propostos/dispostos/apresentados por meio de artefatos tecnológicos a distância.

No caso da EaD online, a interação é facultada por meio das “ferramentas” de interação disponibilizadas nos AVA. São, pois, elementos constituintes do processamento cognitivo dos interactantes que, enquanto aprendizes, devem se envolver com os objetos de aprendizagem durante a mediação dos artefatos. Dessa forma, pode-se atribuir aos artefatos tecnológicos o papel de “ferramentas cognitivas” da aprendizagem que acontece com a interação mediada por computador.

No lastro das reflexões sobre a aprendizagem mediada por computador encontra-se a noção de ferramenta cognitiva, com base no princípio basilar de que se aprende com o computador quando as ferramentas forem usadas na perspectiva da aprendizagem significativa (Cf. JONASSEM, 2000; FILATRO, 2015; entre outros). Para Jonassen (2000), o uso das ferramentas computacionais deve se dar de modo a exigir



do usuário a construção de relacionamentos significativos na relação com os conteúdos, nos moldes de teorias de aprendizagem como a proposta por Ausubel (1980), e também com postulados centrais em Piaget e Vygotsky.

Nessa perspectiva, a proposição de conteúdos nas plataformas de aprendizagem online representa um grande desafio aos docentes de cursos online que devem desenvolver seus programas de formação através do computador de modo que sejam capazes de fomentar processos de aprendizagem “endogenamente formativo, não informativo apenas, muito menos reprodutivo”, como alertou Pedro Demo (2004), já há uma década. Nesse sentido, é possível afirmar que as formas como são utilizadas as tecnologias na escola e, mais especificamente, o computador nos cursos de graduação online necessitam ser repensadas diante das evidências de que há um novo paradigma da mediação do professor a distância e das ferramentas que são usadas para aprender. Nesse paradigma, e tomando por base o refinamento teórico-prático apresentado por Lopes ET AL (2010, p.05), a mediação compreende:

As ações e as linguagens (naturais e outras) do professor construídas e postas em prática como resposta sistemática aos desafios de aprendizagem dos alunos nos seus percursos para atingir os resultados de aprendizagem (capacidades, valores, atitudes, conhecimento e competências) pretendidos por um determinado currículo.

Os conteúdos propostos à aprendizagem online devem, portanto, evidenciar as ações que levarão o aprendiz a VIVENCIAR PERCURSOS que instanciem a APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA, porque constituintes de “espaços do saber”, no sentido proposto por Lévy (1997, p.176), como ilustrado a seguir:



O Espaço do Saber é o plano de composição, de recomposição, de comunicação, de singularização e de impulsionamento processual dos pensamentos. Cenário de dissolução das separações, o Espaço do Saber é habitado, animado por intelectos coletivos – imaginários coletivos – em reconfiguração dinâmica permanente.

O professor a distância deve por em primeiro plano o cuidado com a escolha não só dos conteúdos para a aprendizagem a distância, mas das ferramentas que envolvam o aprendiz na construção ativa do conhecimento, auxiliando cognitivamente o aprendiz na compreensão e mesmo concepção da “informação nova”.

Jonassen (2007, p.23) sintetiza o conceito de “ferramenta cognitiva” de modo bastante exemplar ao objetivo aqui proposto, qual seja o de enfatizar que a autonomia na aprendizagem a distância por meio do computador mantém estreita relação como uma das ferramentas cognitivas disponibilizadas aos discentes para realização de atividades online. Destaca, esse pesquisador, que os software são colaborativos ao estímulo à reflexão quando a interação com a ferramenta não ficar restrita à manipulação mecanicista com vistas à composição de um banco de dados, mas, sim, quando for auxiliar no estímulo à reflexão crítica, o que é percebido com o engajamento do aluno em atividades colaborativa e cooperativa na construção do conhecimento novo, objeto da aprendizagem.

Com base nessa compreensão do papel dos artefatos tecnológicos como ferramentas cognitivas, a noção de aprendizagem invertida – flipped classroom - parece indicar ser a perspectiva da inversão um percurso metodológico possível e eficaz ao definitivo e necessário rompimento com o instrucionismo, o qual tem sua pior versão no tecnicismo alargado com a criticidade adormecida por argumentos alicerçados na cultura de massa em sua engenharia da indústria cultural. Afinal, na *quinta onda*, de que trata Toffler (1970), tempo de “ebulição” tecnológica digital –



tem-se uma ecologia de aprendizagem em que complexidade e auto-organização tomam forma para resgatar o sentido de que, ao final, a informação e a tecnologia apenas são eficazes quando faz sentido para quem delas se apropria com determinado fim. Afinal,

“O que nos torna diferentes é o uso que fazemos da inteligência astuciosa, presente de Prometeu, nosso primeiro professor. Precisamos de professores capazes de viver e desenvolver uma inteligência astuciosa, capazes de formar uma identidade coletiva, de grupo, em que o saber não seja uma aquisição pessoal. Precisamos de professores que sejam capazes de compartilhar seus conhecimentos com os demais, pois o professor não é o dono do saber e, sim, alguém que aprende com o grupo e com seus alunos”
(TORRES & FIALHO, 2009, p.460)

A noção de autonomia em aprendizagem, hoje, é sinônimo de capacidade de pensamento crítico, de participação social com responsabilidade, compromisso e respeito às diferenças, porque munida de uma percepção transcultural, mas que não desintegra a identidade do ser que se reconhece como um ator social.

Referências

DEMO, P. *Desafios modernos da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

DOUGLASS, J. A., KING, C.J., FELLER, I. The room with a view: Globalization, universities and the imperative of a broader US perspective. In: J.A. Douglass, C.J. King, & I. Feller (eds.), *Globalization's muse: Universities and higher education systems in a changing world*. Berkeley, CA: Berkeley Public Policy Press. (pp.1-11)

GURI-ROSENBLIT, Sara. Sistemas e Instituições de Educação a Distância na Era Online: uma crise de identidade. Olaf Zawacki-Richter, Terry Anderson (orgs.) *Educação a distância online: construindo uma agenda de pesquisa*. São Paulo: Artesanato Educacional, 2015 (pp 111-131)

JONASSEN, D. H. *Mindtools for schools: engaging critical thinking*. New Jersey: Pearson Education, 2000.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996



_____. *Cibercultura*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, J.B. et AL. *Investigações sobre a mediação de professores de ciências físicas em sala de aula*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2010.

LUCIANO, Dilma T. O ciberprofessor: novas perspectivas para o profissional das Letras. Vera Moura, Maria Cristina Damianovic, Virgínia Leal (orgs.) *O ensino de línguas: concepções e práticas universitárias*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010. pp. 279-291

_____. Interatividade em EaD online e aprendizagem transformativa: a busca de autonomia do aprendiz. ANAIS DO II SINIEL, UFRPE, 2012

SAINT-ONGE, Michel. *O ensino na escola: o que é, como se faz*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TOFFLER, A. *Future shock*. Nova York: Bantam Books, 1970.

TORRES, P.L. & FIALHO, F.A.P. Educação a distância: passado, presente e futuro. Em Frederic M. Litto & Marcos Formiga (orgs). *Educação a distância: o estado da arte*. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.